

"IDENTIDADE E MEMÓRIA DOS GRUPOS DE CONGADA DA CIDADE DE GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO, NO ANO DE 2008"

Lourenço, Diego¹; Alves, Heloisa de Souza²; Silva, Regiane Apda. da³
Orientadora: Prof^a .Dr^a Maria Aparecida Papali

¹UNIVAP / ISE (Instituto Superior de Educação). Historia, R. Tertuliano Delphim Júnior, 181, São José dos Campos - SP, diego.etnomusicologia@hotmail.com.br

²UNIVAP / ISE (Instituto Superior de Educação). Historia, R. Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, helo.10@hotmail.com

³UNIVAP / ISE (Instituto Superior de Educação). Historia, R. Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, belaregiane@yahoo.com.br

Resumo- Essa pesquisa tem como objetivo analisar uma prática cultural denominada por congada. Essa prática cultural tem sua origem histórica no Brasil Colonial, onde temos os cortejos festivos que ocorriam por ocasião da coroação dos reis africanos inseridos no sistema escravista. Procuramos entender os grupos de congada como possibilitadores de construções identitárias, a partir da memória social desses grupos. Desse modo, a questão central que se coloca neste, é entender o real significado de "ser congueiro" em Guaratinguetá-SP. E para isso trabalharemos os seguintes aspectos: Identificar o que é congada e relatar a sua trajetória em Guaratinguetá; Evidenciar a história dos grupos, bem como suas especificidades culturais, religiosa e social; Relatar as vivências de seus respectivos mestres e entender como se estabelecem as relações entre os congueiros; Identificar as diversas formas de resistência encontradas pelos grupos para dar continuidade à prática da congada.

Palavras-chave: Memória, identidades, cultura popular, religiosidade.

Área do Conhecimento: História

Introdução

A escolha do tema, local e delimitação do período a ser analisado se deu em função da evidência de que Guaratinguetá-SP possui uma grande representação de seus grupos de congada em diversos eventos culturais e religiosos no estado de São Paulo.

No entanto, após os primeiros contatos, ficou nítido que por traz de toda a beleza e magia que envolve o universo das apresentações, existe um grande esforço para manter vivo os conhecimentos tradicionais e resistir frente à realidade sócio-econômica que os grupos de congadas de Guaratinguetá – S.P estão inseridos.

Metodologia

O projeto constitui-se de pesquisa bibliográfica, documental e fonte oral.

Em primeiro momento a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida no acervo da biblioteca Cassiano Ricardo, biblioteca Amália Giffoni (museu do

folclore) e também pesquisas na internet em sites de universidades e cidades consideradas relevantes para o tema. As fontes secundárias serão lidas e fichadas. Com as entrevistas, serão feitas interpretações dos depoimentos dos integrantes dos grupos e as informações serão armazenadas em fichas e transcritas fielmente.

Discussão

Após os primeiros contatos, observamos que os mestres ou capitães de guarda têm o compromisso de repassar aos demais integrantes os conhecimentos tradicionais adquiridos durante toda a vida, principalmente a devoção a São Benedito e os versos mais tradicionais. No entanto, ficou claro que por traz de toda a beleza e magia que envolve o universo das apresentações, também existe um enorme esforço para resistir frente à realidade sócio-econômica que os grupos de congada de Guaratinguetá-SP estão inseridos.

E a maioria dos integrantes considera os grupos de congada como sua única forma de

entretenimento, visto que muitos deles somente conheceram outros municípios em decorrência das apresentações de congada.

Segundo Souza, o emprego de mão-de-obra escrava foi utilizado por reis de grandes nações para a construção de cidades, monumentos e templos.

Os escravos trazidos para o Brasil eram oriundos de diversas regiões da África e trouxeram a hierarquia dos reis negros, que vinham para o Brasil e mantinham as diversas maneiras de expressar a cultura da região que pertencia viva na memória do seu povo, para que de algum modo pudessem resistir frente à opressão exercida pelos seus proprietários.

Estes reis negros existem até hoje no Brasil, mas seus reinos são feitos de pessoas que mantém viva a cultura de seus ancestrais, passando-as de pai para filho. Sendo assim, os reis negros são os responsáveis pela disseminação dos costumes de um povo que foi arrancado de sua terra natal para ser escravo numa terra estrangeira e passado séculos, seus descendentes se reúnem em datas festivas para se apresentar, buscando resistir e manter suas tradições.

A intenção da comunicação aqui proposta é apresentar determinadas formas de sociabilidade de grupos de africanos e seus descendentes na América portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX. São elas, as festas em torno da coroação de reis negros, geralmente do Congo, chefes de um reinado mítico e religioso que aglutinava súditos constituídos no Brasil.

Realiza-se a festa dos santos um momento inicial de igualdade: todos os membros da localidade oferecem donativos, segundo suas posses, espera-se do festeiro que distribuirá o que foi coletado para o santo, não guardando coisa alguma para si. O que é ofertado me redistribuído "Os foliões, por outro lado são homens "escravos" do santo cuja função é onerosa na medida em que significa abandono do trabalho por quinze dias durante essas casas em casa para recolher donativos e esmolas para a festa". (Chauí, 1994, pág.125)

Há uma parte religiosa, composta invariavelmente de novena, missa e procissão e que é aquilo a que muitas antigas grandes festas populares se reduzem quando perderam ou empobrecem muito ao longo do tempo. Entregue aos cuidados dos grupos de folguedos de nossa cristã cultura popular, ela realiza os momentos festivos dos ternos de dançadores de guerreiro, do congo e do Moçambique, do caiapó, da dança da festa e da cavalhada. (Brandão, 1940, pág.13).

Segundo Brandão, de Jean de Lery a Saint Hílaire duas coisas sempre espantaram a todos, os viajantes europeus não ibéricos que por algum

tempo vieram a conviver conosco a aventura no Brasil. Primeira havia sempre festas, todo o tempo, por toda a parte e por todos os motivos. Segunda ao contrario de que começou a ocorrer na Europa após a Reforma Protestante e a contra a reforma, as cerimônias religiosas da igreja no Brasil eram festivas e misturavam tudo e todos de uma maneira impensável na França ou na América do Norte. Brandão observa os figurantes dos ternos e guardas dos nossos rituais populares de rua, não se exige que a pessoa seja religiosa ou eticamente exemplar como acontece em outras confissões cristãos de domínio popular [3]. Exige-se sem quer todos sejam devotos. A festa sendo seria ou necessária apenas para brincar com sentidos e sentimentos. Apesar dos esforços da igreja para separar uma parte propriamente religiosa das outras folclóricas ou das profanas, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial dentro e fora do âmbito restrito da igreja. (Brandão, 1940, pág.15).

Para a cultura do Vale do Paraíba, os escravos trouxeram consigo crenças e devoções, e, com estas as de nossa Senhora do rosário e a de São Benedito, que vieram escravizados da África. A virgem do rosário tornou-se mesmo a padroeira dos negros, seja em Angola, em Portugal como no Brasil, onde as referências à santa, a sua devoção e festas são antigas, aparecendo junto às de São Benedito. Muito mais freqüentes são as festas de São Benedito, anotadas nas cidades de Aparecida, Caçapava, Cunha, Lorena, São Luis do Paraitinga e Guaratinguetá. Dentre todas as cidades vale-paraibanas onde se cultua São Benedito, a que mais destaca é a de Guaratinguetá. Além da principal festa, com mais de dois séculos de permanência, vários outras também se realizam, espalhadas pelo município. A congada que é uma antiga dança de escravos africanos, em que se destacam influências ibéricas. A maioria das congadas brasileiras é composta de simples cortejos com danças e músicas.

A cidade de Guaratinguetá-SP está situada no vale do Paraíba, em ponto estratégica entre o litoral de São Paulo, sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Guaratinguetá teve seu povoamento iniciado por volta de 1630. A elevação a vila, com a denominação de Santo Antônio de Guaratinguetá em 1651. Vivendo a principio de economia de subsistência e de pequeno comercio de beira de caminho, começou a se desenvolver com o plantio da cana-de-açúcar e com a produção de café, fatos que trouxeram para município grande número de escravos. A presença de cativos deu origem aos cultos em homenagem a seus padroeiros, nossa senhora do Rosário e São Benedito. (Pág. 47).

As irmandades leigas, organizadas em torno de determinados santos de devoção das comunidades negras, foram forma importante de organização social, abrigando em presença desses reinados que se debruça o meu trabalho, buscando entender porque africanos de origens relativamente variadas prestavam reverência a um rei do Congo, e porque colonizadores portugueses incorporavam as cerimônias em torno do rei do Congo às suas próprias manifestações públicas. (Souza, 2002)

A irmandade de São Bendito foi fundada em 1757, tendo com sede não a igreja do rosário dos pretos, mas a capela de São Gonçalo, localizada no local onde hoje está à igreja de São Benedito. "As irmandades devotos aos santos se separam claramente: São Benedito é o santo dos pobres e dos negros e o santíssimo sacramento e santo Antonio dos ricos...". [4]Através das devoções e das irmandades, é simbolizada a diferença social e, em muitas festas, torneios de dança e música são verdadeiros combates entre as classes, de modo que esse compadrio reafirma a dependência dos afilhados face ao padrinho-patrão, o ritual religioso contesta essa dependência, mesmo sem quebrá-la... (Chauí,1994, Pág.127).

Conclusão

Dessa forma, fica nítido o nosso interesse em ressaltar que os grupos de congada de Guaratingatá-SP, além de preservar antigas tradições, estão em constante mudança e que não é somente por devoção a São Benedito, que os congueiros se apresentam.

É evidente que todos os membros são devotos, mas esses praticantes se revelam verdadeiros guerreiros, pois resistem a diversos fatores, sobretudo a falta de apoio, visto que todos são muito pobres e permanecem nos grupos, contando apenas com raras doações e a ajuda dos respectivos capitães das guardas.

Referências

- Livros:

ARANTES, Antônio Augusto –"O que é Cultura Popular"- editora brasiliense- São Paulo/Brasil, p.13à17.

BARREIRO, José Carlos - "Tradição, cultura e protesto popular no Brasil, 1.780-1.880", in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 fevereiro, 1.998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues –"A Cultura na Rua" -2º edição-editora Papyrus-Campinas/ São Paulo, p. 7 – 37, 1940

BRANDÃO, Carlos Rodrigues-"FESTA DO SANTO PRETO"-Rio de Janeiro: funarte/instituto do folclore ,Goiânia : universidade federal de Goiás ,1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues- "O que é folclore" – 4º edição-editora Brasiliense- São Paulo/Brasil, p. 29 – 101, 1982.

*CHARTIER, Roger "Cultura popular" revisitando um conceito historiográfico e estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.8, nº16, 1999.

CHAUÍ, Marilena- "Conformismo e Resistência" editora Brasiliense - 6 ºedição, p10-127, 1944.

CHAUÍ, Marilena- "O que é Ideologia" – editora Brasiliense S/A- São Paulo/Brasil p. 13 - 29.

*CUNHA, Maria Clementina Pereira "Folcloristas e historiadores no Brasil: um debate" in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 fevereiro, p.167 – 176, 1998.

*DANTAS, Mônica Duarte "De palmares ao quilombo do oitizeiro: uma viagem pela historia social da escravidão do Brasil", in-Projeto História, PUC/SP nº16 fevereiro, p. 249-254, 1998.

*FENELON, Déa e of. "Muitas memórias, outras historias". São Paulo: olho d'Água, p.283-295, 2004.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa "Reinado do Rosário de Itapeperica" – Associação Palas Athenas do Brasil- Massao O hivo Estúdio – p. 15-180, 1989.

GIRADELLI, -Elise da Costa – "Ternos de Congos: Atibaia". Rio de Janeiro, MEC –SEC-FUNARTE . Instituto Nacional do Folclore – p.1-116, 1981.

*GOMES, Ângela de Castro "A Cultura histórica do estado novo"-in Projeto História nº 16 PUC/SP – (mesa redonda cidadania e projetos culturais – historiadores e folcloristas no Brasil – p. 121-140, fevereiro, 1998.

*LARA, Silvia Hunold "Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil", in-Projeto História, PUC/SP nº16 p 25 – 38, fevereiro, 1998.

PELOSO, Silvano "O Canto e a Memória" – editora Ática -tradução e organização de Sonia Neto Salomão S/P Brasil p. 8 - 10.

*PORTELLI, Alessandro "Forma e significado na História oral – a pesquisa como em experimento em igualdade. Tradução: Maria Terezinha Janine Ribeiro: revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon in. projeto história, São Paulo–PUC –nº. 14, p.7-39, fevereiro,1997.

PRIORE, Mary Del "Festas e utopias no Brasil Colonial" – editora Brasiliense – p. 10-123, 1994.

RIBEIRO, Helcion "Religiosidade Popular na teologia latino – americana" –editora Paulinas, São Paulo /Brasil p. 12- 15, 1984.

*SCHIMIDT, Cristina, "A interação entre os portadores da cultura folk e cultura de massas"- Universidade de Mogi das Cruzes-SP p.1-10.

SOUZA e, Marina de Mello – "Reis Negros no Brasil Escravista" – História da Festa de Coração de Rei Congo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002

TINHORÃO, José Ramos "As Festas no Brasil Colonial" –editora 34 –S/P Brasil 1928.

<http://www.institutoculturaibero-atlantica.pt/resumos/marina.htm>. Consultado dia 06/06/2008 às 16hs

Artigos e periódicos:

ABREU, Martha "Ainda sobre as festas e cultura popular na formação do povo brasileiro", in-Projeto História, PUC/SP nº16 fevereiro – p.143 à 182, 1998.

BARREIRO, José Carlos "Tradição, cultura e protesto popular no Brasil, 1.780-1.880", in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 fevereiro, 1.998.

CHARTIER, Roger "Cultura popular" revisitando um conceito historiográfico e estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira "Folcloristas e historiadores no Brasil: um debate" in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 fevereiro, p.167 – 176, 1998.

*DANTAS, Mônica Duarte "De palmares ao quilombo do oitizeiro: uma viagem pela história social da escravidão do Brasil", in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 fevereiro p. 249- 254, 1998

*FENELON, Déa e of. "Muitas memórias, outras histórias". São Paulo: olho d'Água, p.283-295, 2004.

GOMES, Ângela de Castro Gomes "A Cultura histórica do estado novo"-in Projeto História nº 16 PUC/SP –(mesa redonda cidadania e projetos culturais, historiadores e folcloristas no Brasil – p.121-140, fevereiro, 1998.

LARA, Sílvia Hunold "Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil", in-Projeto História, PUC/SP nº. 16 p. 25 – 38, fevereiro, 1998.

PORTELLI, Alessandro – "Forma e significado na História oral – a pesquisa como em experimento em igualdade. Tradução: Maria Terezinha Janine ribeiro: revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon in. projeto história, São Paulo-PUC, nº14, p.7-39, fevereiro, 1997.

SCHIMIDT, Cristina "A interação entre os portadores da cultura folk e cultura de massas"- Universidade de Mogi das Cruzes-SP p.1- 10.

SITES:

www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/congada.htm.

Consultado dia 15/11/2007 às 21hs

wikipedia.org/wiki/Congada. Consultado dia 20/01/2008 às 13hs

www.brazilsite.com.br/folclore/folguedos/folg03.htm. Consultado dia 20/01/2008 às 13:30hs

www.povo.it/ars/0dot11/valde1.htm. Consultado dia 03/03/2008 às 22hs

www.pime.org.br/mundoemissao/relegcongada.htm. Consultado dia 23/03/2008 às 14 hs

www.cotianet.com.br/map/cong1.htm. Consultado dia 23/03/2008 às 14:30hs

www.folclore.adm.br/dancas.html. Consultado dia 22/05/2008 às 17hs

<http://portal.iphan.gov.br/>. Consultado dia 22/05/2008 às 17:30hs

www.revista.iphan.gov.br. Consultado dia 25/05/2008 às 11hs